

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.15 - dec. 2013 - pp.113-147 / Santos, D. K. & Lago, M. C. S. / www.sexualidadsaludysociedad.org

Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si

Daniel Kerry dos Santos

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Membro do Núcleo de Pesquisa MARGENS – Modos de vida, família e
relações de gênero

> dakerry@gmail.com

Mara Coelho de Souza Lago

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Coordenadora do Núcleo de Pesquisa MARGENS – Modos de vida, família e
relações de gênero

> maralago7@gmail.com

Resumo: Este artigo problematiza narrativas ouvidas durante uma pesquisa sobre as experiências do homoerotismo na velhice entre homens. Buscou-se enfatizar os processos de resistência e de subjetivação em face de modelos hegemônicos que dão contornos à velhice e à homossexualidade. Ao tentar escapar do fatalismo da abjeção muitas vezes atribuída aos homossexuais mais velhos, sustenta-se que o sujeito velho e homossexual estaria habitando uma zona limítrofe de um regime discursivo que estabelece, por um lado, um campo de legitimidade e, por outro, uma zona de ininteligibilidade, um exterior constitutivo. Estar nessa fronteira discursiva (performatizada pela própria materialidade do corpo) não necessariamente constitui uma vida abjeta, mas incita a fissuras pelas quais o desejo pode potencialmente adquirir matérias de expressão. Nesse sentido, as narrativas ouvidas apontaram para uma possível ética do envelhecimento, a partir da qual os sujeitos podem conduzir e (re)inventar a vida, o corpo e o desejo.

Palavras-chave: envelhecimento; homoerotismo; corpo; homossexualidade; narrativas de si

Estilísticas y estéticas del homoerotismo en la vejez: narrativas de sí

Resumen: Este artículo problematiza algunas narrativas escuchadas durante una investigación de maestría sobre las experiencias del homoerotismo entre hombres en la vejez. Se procura enfatizar los procesos de resistencia y subjetivación frente a modelos hegemónicos que dan contornos a la vejez y a la homosexualidad. Procurando escapar del fatalismo de la abyección muchas veces atribuida a los homosexuales más viejos, se sostiene que el sujeto viejo y homosexual estaría habituando una zona limítrofe de un régimen discursivo que establece, por un lado, un campo de legitimidad y, por otro, una zona de ininteligibilidad, un exterior constitutivo. Estar en esa frontera discursiva (performatizada por la propia materialidad del cuerpo) no necesariamente constituye una vida abyecta, pero incita las fisuras por las que el deseo puede potencialmente adquirir materias de expresión. En este sentido, las narrativas escuchadas han señalado una posible ética del envejecimiento, a partir de la cual los sujetos pueden conducir y (re)inventar la vida, el cuerpo y el deseo.

Palabras clave: envejecimiento; homoerotismo; cuerpo; homosexualidad masculina; narrativas de sí

Stylistics, aesthetics and ethics of homoeroticism in older men's self narratives

Abstract: This paper revisits narratives heard during a master's research project on experiences of homoeroticism by older men. Emphasis is placed on processes of resistance and subjectivity in relation to the hegemonic models that provide the contours of old age and homosexuality. Avoiding the fatalism of abjection usually attributed to older homosexuals, it is argued that the older gay subject inhabits the border of a discursive regime which establishes, on the one hand, a field of legitimacy and; on the other hand, a zone of unintelligibility, a constitutive outside. This discursive border zone (performatized by the materiality of the body) does not necessarily constitute an abject life, but incites cracks through which desire may potentially acquire expression. In that sense, the narratives pointed out towards a possible ethics of aging, one from which subjects may lead and (re)invent life, body, and desire.

Keywords: aging; homoeroticism; body; male homosexuality; self narratives

Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si

Introdução

Se tu confias demais na tua juventude, tu vais te matar na velhice.
(Marcel, interlocutor da pesquisa, 63 anos)¹

Este artigo deriva de uma pesquisa na qual se buscou problematizar alguns modos possíveis de estilização da experiência de envelhecimento e do homoerotismo.² Tal pesquisa percorreu pelo menos dois planos de análise. A primeira parte consistiu em uma cartografia (Deleuze & Guattari, 2009; Rolnik, 2007) a partir da prática de *habitar um território* (Alvarez & Passos, 2009) e *acompanhar processos* (De Barros & Kastrup, 2009) de estilizações do homoerotismo sobre um corpo interpelado como “velho” e/ou “envelhecendo”.

As observações aconteceram em um bar GLS³ de Florianópolis, conhecido na cidade como um “bar de Ursos⁴ e como um território de sociabilidade frequentado principalmente por homens mais velhos, de orientação homo ou bissexual.⁵ Este bar está localizado numa rodovia estadual que passa pela cidade e liga a região

¹ Os interlocutores da pesquisa são citados com nomes fictícios.

² Trata-se da dissertação de mestrado em Psicologia intitulada *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*, de autoria de Daniel Kerry dos Santos, orientada pela professora Dra. Mara Coelho de Souza Lago e defendida em fevereiro de 2012 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (Área de concentração: Práticas sociais e constituição do sujeito; Linha de Pesquisa: Gênero, gerações e diversidades).

³ GLS é uma sigla para gays, lésbicas e simpatizantes, geralmente usada para designar espaços e/ou eventos com fins comerciais, diferentemente de LGBTTT, sigla para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, usada para se referir ao movimento social que representa essa população.

⁴ Ursos (ou Bears, em inglês) é uma categoria identitária que se refere, geralmente, a homens gordos, peludos e barbudos que sentem atração por outros homens (ursos também, ou não). No entanto, a categoria “ursos” é bastante genérica e pode englobar uma multiplicidade de corpos bem diferentes (por exemplo: ursos velhos, ursos jovens, ursos gordos peludos, ursos gordos lisos etc.). Uma única definição, portanto, seria insuficiente para representá-los.

⁵ Não necessariamente todos os homens com quem se pôde conversar durante a pesquisa eram homossexuais assumidos. Alguns se consideravam bissexuais; outros, heterossexuais que se interessavam por encontros homoeróticos; e ainda outros que preferiam não se definir em termos de uma identidade sexual específica.

central de Florianópolis ao sul da ilha. Trata-se de um bairro periférico e está longe de ser considerado uma região “gay” na cidade, como acontece em algumas áreas do centro ou em certas praias conhecidas como destinos turísticos GLS.⁶ Um dos pesquisadores conversou e interagiu com vários frequentadores do local e pôde acompanhar modos alternativos de expressar e experienciar o corpo velho⁷ e o (homo)erotismo. Nesses caminhos, surgiram possibilidades de aproximação e maior interação entre pesquisador e os frequentadores do bar.

É importante destacar que durante a pesquisa estabeleceram-se contatos com pessoas de diversas camadas sociais, mas quase todas elas possuíam um padrão de vida “razoável”, uma moradia fixa e algum tipo de fonte de renda, mesmo que apenas a aposentadoria. Existem outros contextos que não foram contemplados em nosso estudo, como a realidade de gays velhos em asilos, moradores de ruas, de comunidades pobres ou de cidades pequenas e afastadas dos grandes centros. Esperamos que novos horizontes sejam reafirmados, ampliando as problematizações sobre as desigualdades sexuais, geracionais e de gênero.

Os sujeitos que participaram de nossa pesquisa são homens que conseguem se inserir em algum tipo de sociabilidade lúdica, ainda que esta seja marcada por um território específico que os agrega em torno de uma identidade (gays velhos e/ou *ursos*), que muitas vezes é excluída de outros contextos. Todos os homens com quem se estabeleceu algum tipo de interlocução eram brancos, mas não arriscamos afirmar que haja uma prevalência de circulação de alguma camada social específica em tal território. Isto porque, talvez pelo fato de o bar ser o único na cidade destinado a esse público, havia a possibilidade de interação entre diferentes camadas sociais. Pôde-se conversar com homens de diversas regiões da cidade

⁶ Neste artigo, optamos por focar nas narrativas de si dos sujeitos com quem realizamos nossa pesquisa. Uma discussão mais aprofundada sobre o território de sociabilidade e sua relação com a produção de outras materialidades corporais e outras produções desejanter está sendo desenvolvida e será em breve publicada. Uma problematização inicial sobre território, corpo e desejo foi publicada nos anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, realizado na UFBA, em 2012, sob o título: Porosidades da velhice: experimentações (homo)eróticas de corpos dissidentes (Santos, 2012a).

⁷ Salientamos que não estabelecemos um critério rigoroso para definir o que é uma pessoa velha. Segundo Debert (1998:61), não devemos supor que a essência definidora de uma população seja a idade legal ou o estado de envelhecimento biológico. A determinação e a significação do que é a velhice decorrem de dispositivos de poder e são estabelecidas num campo discursivo historicamente localizável. Assim, a velhice pode ser demarcada por critérios médicos, psicológicos, jurídicos, sociológicos e/ou ainda por definições geográficas, culturais, étnicas, sociais e subjetivas. O que nos interessava, de fato, eram as experiências pessoais que podem ser feitas a partir da interpelação de um dispositivo da idade (Pocahy, 2011) que produz um marcador etário socialmente depreciado e evitado. A velhice, nesse sentido, interpela-nos e, de forma performativa, diz e produz um “alguém” que traz a marca do tempo em seu corpo.

(desde as mais “nobres” e próximas da região central até as mais “populares” e afastadas do centro), de diversas profissões, como cabeleireiros, profissionais autônomos, comerciantes, pessoas ligadas ao comércio informal, estilistas, artistas, professores, policiais – aposentados ou mesmo em situação de desemprego. Também observamos que, apesar de haver uma prevalência de frequentadores de idades mais avançadas, havia também a presença de alguns homens jovens que se interessavam afetivo-sexualmente por homens mais velhos, interações estas que serão discutidas mais adiante.

Esse intercâmbio entre grupos aparentemente distintos em um mesmo território nos levou a considerar este local de sociabilidade como um *espaço queer*, tal como definido por Judith Halberstam (2005). As noções de tempo e espaço *queer* (*queer time and place*) de Halberstam nos foram úteis para problematizar uma territorialidade e uma temporalidade que desafiam algumas lógicas convencionais que interpelam os corpos na geografia erótica da cidade. O *espaço queer* se configuraria como um local outro de sociabilidade que agrega pessoas consideradas fora de padrões hegemônicos (como os padrões estéticos normativos que conformam as materialidades de corpos ditos legítimos: jovens, “sarados”, “lisos”, ou seja, sem pelos etc.).

Um dos aspectos desses espaços *queer*, segundo Halberstam (2005), seria a interação entre classes sociais diferentes. Eles parecem favorecer trocas e encontros onde as políticas do prazer e dos afetos importam mais do que os *status* econômicos que perpassam os jogos eróticos e de sedução que poderiam ser vistos em outros contextos (heterossexuais e homossexuais). Não queremos dizer que o fator econômico não seja uma questão que marca os sujeitos naquele espaço, no entanto, as barreiras de classe naquele contexto parecem flexibilizadas, favorecendo a aproximação de realidades existenciais distintas.

Já o tempo ou a temporalidade *queer* desestabilizaria algumas noções de curso de vida, de fases vitais e do desenvolvimento humano (concepções caras para a construção da psicologia do desenvolvimento, por exemplo). Esta concepção contrapõe-se a uma construção retilínea do tempo que valoriza a produtividade e a jovialidade a partir de uma lógica temporal baseada na acumulação de bens e na inferiorização do lazer, dos momentos de prazer, das temporalidades lúdicas (aquelas que podem ser experienciadas através do uso das drogas) e do ócio. Esta ideia de tempo foi importante para pensarmos as velhices consideradas abjetas como se construídas desde uma matriz heterossexual e desde um valor de juventude como ideal regulatório. A velhice, nesses termos, pode ser pensada a partir de uma outra relação com o tempo, uma relação que afirma o “desvio” das marcas de um corpo e que, ao invés de negar sua materialidade, deixa passar intensidades e afecções.

Na medida em que se foi criando uma relação mais próxima com alguns dos

interlocutores, propôs-se que eles narrassem, no espaço onde achassem melhor, o que pensavam sobre si mesmos em relação às suas experiências de envelhecimento, sexualidade e erotismo. A proposta de uma “entrevista”, que foi conduzida mais nos moldes de uma conversa e orientada por um *roteiro de preocupações* esboçado previamente, foi bem aceita por alguns. Os interlocutores que compartilharam suas histórias foram contatados no bar onde se realizaram as observações de campo, com exceção de um deles que, apesar de também já ter conhecido e frequentado tal ambiente algumas vezes, foi indicado por um colega do núcleo de pesquisa dos autores. As escutas dessas narrativas, as quais compuseram uma segunda parte da cartografia, consistiram em entrevistas mais aprofundadas e que foram gravadas e posteriormente transcritas. É desta cartografia das narrativas de si, ouvidas em entrevistas e em algumas conversas informais no bar *habitado*, que trata este texto.

Narrativas como problematização política de si

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. [...] Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos.
(Foucault, 1995:239)

As narrativas ouvidas durante a pesquisa foram pensadas dentro de um *campo de problemas* que pode ser resumido nas seguintes questões: como os sujeitos estilizam o envelhecimento em relação às suas sexualidades? Quais enunciados percorrem tais narrativas? Quais relações éticas, ou seja, quais as formas de relação consigo mesmo são possíveis nessas experiências? Quais tecnologias de si operam nesses processos? São possíveis outras formas de subjetivação que sinalizem lutas e embates quanto aos modos de sujeição ao saber e ao poder?

Não se buscou uma resposta, como se houvesse uma verdade a ser encontrada, mas seguimos no desejo de uma problematização de tais questões, aproximando-as de uma *política da narratividade*, definida por Eduardo Passos e Regina Benevides (2009:151) como “uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a nós mesmos, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece”. Desse modo, as narratividades expressam não apenas um problema teórico, mas também um problema político, situado e contextualizado.

A problematização não tem como finalidade a representação de um objeto preexistente, nem a criação pelo discurso de um objeto que não existe, como ensinou Foucault (2006b). Para este autor, a problematização “é o conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro ou

do falso e o constitui como objeto para o pensamento” (2006b:242). Acompanhar as narrativas, nesta pesquisa, significou, portanto, um exercício do pensamento que pretendeu problematizar figurações nômade (Braidotti, 2000) e estilizações das velhices possíveis entre homens que experimentam e vivenciam o homoerotismo.

Consideramos que as narrativas ouvidas dizem respeito às experiências de si que estão atreladas a regimes de saber/poder e também são efeitos de resistência a estes. Segundo Pedro de Souza (2003:39), “fazer a experiência de si não significa ir em busca de um *eu* genuíno livre de qualquer contaminação produzido pelo investimento de um regime de poder/saber”. Desse modo, as narrativas traduzem sempre um campo historicamente localizável do qual os sujeitos falantes fazem parte. Elas não dizem respeito a um sujeito *em si*, mas ao modo como ele *é/foi* constituído, pensado.

Como é pensado o “ser velho”? O “ser homossexual”? Essa ontologia histórica não pode ser remetida a um sujeito fixo, mas à sua contingência, às suas condições de possibilidade de sujeição e de subjetivação. Se há modelos normativos que prescrevem inteligibilidades e legitimidades para se pensar *o que é um velho*, *o que é um homossexual* e, ainda, *o que é o um velho homossexual*, será que esses modelos, definidos a partir de um campo moral, são realmente fixos? Ou eles possibilitam um exercício de relação consigo mesmo, constituindo indivíduos sujeitos de suas próprias ações?

Segundo Souza (2003:39), a genealogia das subjetividades proposta por Foucault, ou seja, “os jogos e as relações de força que produzem diferentes modos de ser em diferentes épocas”, corresponde a regimes morais de subjetividades que designam modos de ser. Não se trata de descobrir o que é algo, mas como foi possível constituir-se nesse algo e, seguindo Foucault (1995), recusar essas formas de individualidade que nos foram impostas ao longo da história. Ainda de acordo com Souza (2003:39), cada uma dessas insígnias de ação moral que marcam os sujeitos “refere-se a uma unidade de conduta moral que, por sua vez, implica a constituição de si mesmo como sujeito moral, tomado como efeito de subjetivação, sustentado em exercícios e práticas de si histórica e socialmente localizáveis”.

Os modos de sujeição contemporâneos estão imediatamente ligados ao corpo. Que “obrigações” são essas, ou que códigos e normas são esses com os quais os homens ditos homossexuais e velhos são confrontados? Perceberam-se, durante as conversas com alguns desses homens, várias linhas discursivas que apontavam para suas relações com algumas normas, alguns códigos de comportamentos e um campo moral. Foi possível observar em suas narrativas uma relação de sujeição a alguns enunciados, mas também um trabalho ético sobre si mesmo e de contestação a algumas normas.

Entramos numa zona complexa, pois somos confrontados com um duplo as-

pecto da norma (Butler, 2006). O duplo da norma, segundo Butler (2006), orienta as ações sociais ao mesmo tempo em que normaliza coercitivamente o que pode ser considerado legítimo. Desse modo, a norma é aquilo que nos ata, cunhando a ficção de uma unidade totalizada, coerente e que produz e organiza os campos de inteligibilidade. Por outro lado, ela também cria uma estratégia de exclusão. Exclui-se para um exterior marginal aquilo que não pode manter uma suposta coerência social (o que seria um objetivo essencial da norma). Essa exclusão, que cria zonas hostis de existências, constituiria, nos termos de Butler, uma violência normativa. Enquanto se tenta preservar uma ordem através da norma, excluem-se violentamente os sujeitos que não compartilham códigos que conformam determinadas regiões normativas.

A partir das narrativas ouvidas, consideramos que seja exatamente na tensão entre existência ética *versus* existência abjeta que a estilização do envelhecimento entre homens homossexuais pode ser enunciada. Tensão que se manifesta a partir de práticas de si que descrevem um estilo (estilística) e um modo de fazer da existência algo possível – ético; e criativo/inventivo – estético (Deleuze, 2008).

Acreditando na capacidade dos sujeitos de reinvenção criativa de si, ou seja, na possibilidade de produção de uma estética da existência na qual a vida possa ser vivida como uma obra de arte, fomos conhecendo modos possíveis de estilizar o envelhecimento a partir do homoerotismo e vice-versa. Na busca por essas experiências estéticas de si, fomos também confrontados por enunciados normativos que muitas vezes prescrevem modos hegemônicos de existência. A seguir, percorreremos algumas linhas discursivas presentes nas narrativas dos nossos interlocutores, que visibilizam certas experiências de estilizações do homoerotismo na velhice.

Das prisões identitárias ao "prazer que acontece"...

Já é bastante discutido dentro do campo dos estudos gays e lésbicos e dos estudos *queer* o fato de que a matriz heterossexual e a heteronormatividade regulam a vida e nos assujeitam a uma ordem discursiva rígida e excludente. A heterossexualidade como norma, o destino “normal” a ser seguido, interpela-nos e atua na construção de identidades que visam responder a certa previsibilidade no que se entende por curso de vida. Para Butler (2003b), as identidades são ficções, um efeito de práticas discursivas que funcionam como ideais regulatórios. Elas nunca podem ser algo em si mesmo, mas são asseguradas por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, e acrescentaríamos ainda, idade. Pressupõe-se uma coerência interna e linear entre essas categorias, de modo que o sexo (biológico) deva “ajustar-se” a um gênero dito correspondente que deve satisfazer a uma forma de

desejo aceitável (homem, masculino e heterossexual, por exemplo). A coerência desse sistema é que vai produzir uma matriz de inteligibilidade das identidades e dos sujeitos interpelados por ela. Todos que escaparem dessa lógica correm o risco de serem considerados ininteligíveis, às margens do que é considerado legítimo.

A questão é que as identidades são sempre falhas, não podem dizer de uma totalidade imutável de alguém, apesar de sua aparente fixidez. Se há uma matriz heterossexual que produz uma heterossexualidade compulsória nos processos de sujeição e constituição dos sujeitos, há também estratégias do desejo que possibilitam a criação de uma vida que não seja necessariamente tão presa ao sistema sexo-gênero-desejo. A resistência a modelos hegemônicos na construção da própria sexualidade foi um ponto presente em muitas histórias ouvidas durante a pesquisa de campo.

É importante salientar que as pessoas que hoje podem ser, em algumas situações, consideradas velhas ou idosas, viveram parte de suas vidas num contexto histórico, político e cultural bastante diferente do atual. Uma pessoa hoje com 60 anos, por exemplo, viveu sua juventude entre as décadas de 1960 e 1970, um período de grandes acontecimentos históricos, mudanças culturais e uma situação política que, no Brasil, era regida por um regime autoritário. Não pretendemos fazer aqui uma história da homossexualidade ou das produções discursivas a seu respeito, no entanto, é importante levar em consideração que os modos de sujeição e a gestão da homossexualidade e do homoerotismo funcionavam de uma outra maneira, diferentemente de hoje. As possibilidades identitárias disponíveis eram mais restritas e a vigilância sobre as sexualidades dos indivíduos era maior. Outros códigos e uma outra moralidade dos comportamentos prevaleciam naquele contexto, o que implicava uma outra possibilidade de se conduzir como sujeito moral.

Também não queremos dizer que hoje não haja controle e discursos normativos em torno das homossexualidades, mas o heterossexismo atualmente se coloca de outra maneira, menos opressor e mais normalizador. Há talvez uma mudança qualitativa no que diz respeito às formas de exclusão, o que não quer dizer que elas não sejam violentas ou que possuam um efeito menos excludente. Se antes a dificuldade era habitar um modo de vida não heterossexual, atualmente acrescentam-se outras dificuldades, como afirmar uma homossexualidade não normativa, não hegemônica. A homonormatividade é uma nova máscara da norma que, disfarçada sob um apelo integrador e tolerante, restringe as possibilidades de invenção da sexualidade e dos prazeres. Segundo Galán e Sánchez (2006), a homonormatividade normaliza determinadas práticas e modos de vida a partir de estilos de vida de certas “elites gays”, gerando exclusão e hierarquização entre outros homossexuais. Assim, “[...] el pensamiento homonormativo asocia desde la hegemonía heterossexualista, los comportamientos homosexuales a una clase social y a un estilo de vida

determinados” (Galán & Sánchez, 2006:151).

Se pudemos perceber entre as décadas de 1960 e 1970 uma maior vigilância sobre os chamados prazeres dissidentes, em meados da década de 1980 o surgimento da AIDS e, a partir dos anos 1990, um aumento da tolerância e o surgimento de um modo de vida gay normalizado e aceitável, parece-me que, se considerarmos um homossexual hoje com 60 anos, essa pessoa teria vivido e experienciado sua sexualidade mais às margens do que poderia ser considerado legítimo. Em sua juventude não era legítimo por ser homossexual, hoje, por ser velho e homossexual. Claro que pensar racionalizar deste modo é apenas um exercício de pensamento generalizante e que diferentes contextos (de classe, de raça/etnia, de países ricos ou pobres etc.) poderiam possibilitar as mais diversas experiências. Porém, essa abstração nos leva a refletir que os gays velhos podem nos indicar técnicas de si que se efetivam como formas de resistências políticas a um tipo de assujeitamento baseado em discursos e modos de vida heteronormativos e que tendem a normatizar a velhice. Acreditamos que algumas experiências possíveis desses sujeitos possam dizer algo sobre uma história de subjetividades marginais e de estratégias do desejo no campo social.

Pôde-se ouvir de alguns homens (tanto dos entrevistados como de outros com os quais se conversou informalmente no bar frequentado), por exemplo, que quando jovens foram confrontados pela família e por pressões sociais no sentido de se casarem com uma mulher. Alguns simplesmente não se casaram e conseguiram estabelecer estratégias para viver a própria homossexualidade. Muitos, no entanto, acabaram se casando e constituindo família, como se isso pudesse, de alguma forma, apagar aquele desejo proibido que insistia em se expressar. Essa marca de uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2010), ou seja, dessa política do desejo institucionalizada que empurra os indivíduos para dentro de um campo de legitimidade e aceitabilidade, produz um modo de sujeição que se inscreve nas vidas dos sujeitos de forma muitas vezes cruel e melancólica.

Os homens, nesse caso, veem-se diante do imperativo moral da reprodução, da paternidade, do matrimônio e do papel de provedor.⁸ Nas falas de alguns inter-

⁸ Podemos observar que esses imperativos morais são importantes elementos na construção social da masculinidade hegemônica. No começo do século XX, essas prescrições atribuídas aos homens, fortemente estimuladas pelo higienismo, configuravam, segundo Jurandir Freire Costa, o “manequim higiênico do homem”, o qual “forneceu as medidas de masculinidade social e comportamento físico em que se encaixava o homem viril”. Ainda de acordo com este autor, o chamado “pai higiênico” tinha como dever “prover a subsistência material da família, otimizar a reprodução física da ‘raça’ e maximizar o patriotismo da sociedade. [...] seus únicos direitos: direito de trabalhar e direito de fornicar” (Costa, 1999:240). Não é por acaso, portanto, que muito homens ainda hoje continuem reproduzindo esses discursos que dizem respeito a uma certa masculinidade dita verdadeira e legítima, mesmo que esses imperativos destoem de seus desejos e projetos de vida.

locutores, este era um destino irrefutável, ao qual não poderiam se opor. Parecia não haver outro horizonte possível para o desejo, apenas um caminho fatídico traçado pelas normas culturais. Muitos se casaram quando ainda jovens, por volta dos 20 ou 25 anos, numa época em que a possibilidade de reconhecimento legal de união civil entre pessoas do mesmo sexo era algo impensável e o casamento heterossexual era praticamente uma obrigação moral. A instituição familiar (heterossexual e nuclear) era um valor soberano estimulado pelo Estado e pelas grandes instituições (escolas, igrejas, etc.).

Relatamos a seguir a fala de um homem de 65 anos que conta sobre sua experiência de ter mantido um casamento heterossexual. Sua narrativa expressa bem alguns efeitos dos enunciados que sustentam a heterossexualidade compulsória e normativa:

Mas faz muito tempo que não faço isso, sabe? Depois que me aposentei ficou tudo mais difícil, porque você sabe, sou casado, e minha mulher fica em cima. Fica difícil sair, fazer alguma coisa. Não tem muito como sair de casa. Faz muito tempo mesmo. Mas eu gosto, tenho vontade [...] nunca deixei de ter tesão por homens. Era uma coisa assim: minha vida toda ia equilibrando, gostava às vezes mais de mulher, às vezes mais de homem. Mas hoje tenho percebido que gosto mais de homem mesmo. Mas sou casado, né? E antigamente era tão mais difícil conseguir alguma coisa. Aí acabei casando, mas casei por pressão da família, ficavam pressionando... Tinha que casar! A primeira vez que saí com um cara foi tarde, eu já tinha 25 anos! Eu tava viajando, e fiquei num hotel, e lá encontrei um cara. A gente ficava se olhando, se olhando... Teve um dia em que entrei no elevador com ele e puxei conversa, e aí foi. Fomos pro quarto e transamos muito. Naquela época não tinha essas coisas de AIDS, a gente podia se entregar de verdade. Nos beijamos muito, ele me comeu, eu comi ele, fizemos de tudo. Foi muito boa essa primeira vez. Aí, depois disso, depois que você conhece o quanto é bom, não tem mais como parar de fazer [...] Já era casado! Mas aí foi assim, né? Sempre escondido. Teve um cara com quem saí que foi foda. Saí com ele, mas aí não conseguia parar de pensar nele. Era no trabalho, quando saía, quando chegava em casa... Ele não saía da minha cabeça! E a coisa foi ficando difícil, mas não podia ficar com ele. E aí ele foi embora. E nessa época foi difícil em casa. Quis viajar pra ir vê-lo, mas a mulher achava estranho, porque nunca tinha ido viajar sozinho. Tentei dar desculpa, que eu tava estressado, que ia pra fazenda de um amigo meu, mas não deu certo. Acabei não conseguindo ir. Mas é isso. Era casado e não tinha jeito mesmo. Hoje tô assim. Faz muito tempo que não faço mais isso, às vezes acontece, quando vejo um cara bonito assim, me dá vontade, mas como vou fazer?

Esse homem lembrava, nostalgicamente e com lágrimas nos olhos, de um amor não vivido. As palavras que se referiam àquele outro homem ganhavam expressão como se fossem ditas pela primeira vez. Sufocado por uma vida dupla, não pôde nomear um amor “ilegítimo”. Sua voz trêmula, com uma mágoa de si mesmo e do mundo, recordava um afeto que insistia em se sobrepor ao tempo, aos contratos que firmou durante a vida. O tempo de sua lembrança surgia em devir.

Outro interlocutor, Pablo, também se viu forçado a se casar:

Fui casado, tenho dois filhos, né? Casei e sabia que era homossexual desde pequeno. Mas não tinha essa educação, não tinha essa – como é que a gente diz? – esse ensinamento, não tem. Era muito mais religião. Por isso que era difícil, né? [...] Casei com 27 anos. Não tão cedo. Eu casei virgem... mas eu não gostava de mulher. Eu casei virgem, até no primeiro dia na relação eu fiquei broxa. Era complicado, assim [...] Ela [a esposa] desconfiava, os pais não queriam, depois liberaram. Pra ela foi uma decepção muito grande. Mas assim, eu acho, claro que eu não devia ter feito isso, não devia ter casado, porque eu “era”. Mas na época eu tava sozinho e pintou essa oportunidade. E eu não me sinto culpado, porque... eu sou assim, não tem como mudar, entendeu? Ainda bem que eu saí cedo, meus filhos eram pequenos, ela casou com outro, teve outro casamento e separou [...] Não tem como, é minha vida. Eu gosto de homem (Pablo, 65 anos).

Essa condição parece ter sido frequente para muitos homens e mulheres homo-orientados que viveram suas juventudes durante os anos 60/70. Não que hoje esta não seja uma realidade de muitos jovens, porém é possível reconhecer que as possibilidades de viver outro modo de vida são muito mais plausíveis do que naquela época. Novas posições de sujeito e identitárias e outros regimes de subjetivação possibilitam uma flexibilização maior no campo sexual.

A compulsoriedade de um modo de vida heterossexual, no entanto, parece se estabelecer mais num nível identitário; é possível encontrar brechas, fissuras que desestabilizam normas institucionais e que possibilitam outras expressões desejantes. Se uma macropolítica heterossexualizadora (ou heteronormativa) se organiza a partir de linhas duras, demarca um território que cobre o visível e totaliza as multiplicidades, levando os sujeitos a uma individualização e a um campo de previsibilidade. As micropolíticas funcionam, ao contrário, pelo movimento de linhas flexíveis e de fuga, num campo de intensidades que dá passagem aos afetos e ao desejo (Rolnik, 2007). Desse modo, a heterossexualidade, mesmo que institucionalizada (Weeks, 1999), não é capaz de restringir totalmente um desejo que eventualmente não encontra matérias de expressão num território rígido. Mesmo que algumas pessoas tenham se casado em função da força compulsória de uma

norma vigente, isto não quer dizer que o homoerotismo não pudesse conviver paralelamente ao casamento, como relata um interlocutor de 50 anos:

Eu era muito tímido, eu fui casado. Meu pai, minha família, a sociedade cobram que você cresça, case, tenha filhos. Não importa o que acontecer. Tem que fazer a sociedade se sentir bem. E hoje, graças a deus, no século XXI, isso já tá bem fora de moda. E depois com o passar do tempo que rolou, isso foi acontecendo. Foi um amigo meu, do meu trabalho, que chegou... Como eu disse, eu sou tímido. Eu jamais ia chegar numa pessoa e passar a mão na pessoa, grudar, agarrar a pessoa. Daí nós trabalhávamos juntos de madrugada, a esposa dele tava grávida e a minha esposa, grávida também, e a gente conversou de mulher, de relação e tudo. Eu fiquei excitado, ele veio e pegou, viu que eu tava excitado, pegou e brincamos ali, né? Então, foi aí que aconteceu, foi a primeira vez. Ele já tinha bastante envolvimento com outros caras, eu nunca tive, ele começou a... passou alguns amigos dele, daí a gente começou e foi aumentando. Aí vira uma bola de neve, um vai, vai fazendo, um passa pro outro. Mas era tranquilo [referindo-se à relação com a esposa]. E meus envolvimento com outros rapazes eram assim, de madrugada, quando tava trabalhando, eram fora de casa, do casamento, ninguém sabia, ninguém ficava sabendo, era sigilo absoluto, era ali, pronto e deu (Francisco, 50 anos).

A questão da família, do casamento e dos filhos não parece ser uma realidade tão distante para muitos homens de mais idade que hoje se consideram homossexuais.⁹ Durante as várias rodas de conversa de que se pôde participar ou que foram presenciadas no bar em que a pesquisa foi realizada, esses assuntos foram bastante ouvidos. Falava-se do cuidado com os filhos (já adultos), de netos, da relação com a ex-mulher etc.

A maturidade e/ou velhice possibilitou uma nova experimentação da sexualidade, antes regulada por códigos mais rígidos. Francisco (50) e Pablo (65) mantiveram um casamento heterossexual com suas respectivas esposas durante alguns anos, porém, ao se separarem delas, puderam assumir publicamente a homossexu-

⁹ Para uma discussão mais aprofundada sobre a relação entre conjugalidade (hetero e homossexual) e a “saída do armário” (assunção e afirmação de uma identidade homossexual), conferir a tese de Eduardo Steindorf Saraiva, defendida em 2007 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, e também o artigo, deste mesmo autor, intitulado: “Assumindo e escolhendo: projeto de conjugalidade, afirmação de uma identidade” (2010). Saraiva analisa em seus trabalhos algumas concepções sobre conjugalidade e casamento de homens que viveram durante parte de suas vidas um casamento heterossexual e que, após a separação de suas respectivas esposas, construíram vínculos afetivo-conjugais com outros homens.

alidade e as relações homoafetivas.

Se para alguns as formas de viver o erotismo eram marcadas por um atravessamento identitário mais bem definido e que delimitava uma heterossexualidade pública e uma homossexualidade privada ou oculta, para outros as experimentações do prazer não se encerravam nesses limites. Há alguns homens que de fato viveram e vivem uma bissexualidade, outros que puderam viver mais “livremente” a homossexualidade sem que isto se constituísse num grande problema. Dentre as narrativas ouvidas, aqueles sujeitos que puderam sair de um contexto familiar e procuraram outros lugares para viver conseguiram, em parte, driblar os efeitos de uma heterossexualidade compulsória. Estar distante da família e da cidade natal facilitou uma vivência não tão assujeitada a um complexo heteronormativo que poderia ter conduzido e determinado o curso de suas vidas.

Marcel (65 anos), por exemplo, viveu um tempo nos EUA e em algumas capitais brasileiras. Já Rubens (mais de 50 anos¹⁰) saiu cedo da casa dos pais e tinha uma profissão que lhe possibilitava viajar bastante, podendo, assim, conhecer outras culturas em grandes cidades ao redor do mundo. O fato de terem podido estabelecer contato com outras realidades, menos sujeitas às prescrições morais da família e/ou de uma comunidade mais conservadora, possibilitou uma subjetivação na qual os sujeitos entrevistados puderam conduzir o desejo e a vida de modo ético, numa relação refletida consigo mesmos que não se deixava capturar completamente pelos códigos morais e normativos dominantes. A homossexualidade, nesse caso, pôde ser vivida naquele contexto mais como uma prática de liberdade do que como uma forma marginal de vida.

Ao ampliar universos de referência, desterritorializando territórios existenciais, tais sujeitos puderam compor, em outros locais, um novo campo de possíveis (Guattari, 1992), que se efetuava a partir de uma subjetivação que questionava e resistia a uma ordem discursiva heteronormativa que se colocava de modo muito mais cerceador. Didier Eribon (2008) analisa essa busca de muitos homossexuais por locais/cidades mais clementes, onde se possa viver de forma menos vigiada e controlada. O que este autor chama de “fuga para a cidade” seria quase uma “estratégia de sobrevivência” de muitas pessoas que não poderiam encontrar vidas possíveis num território marcado pela norma, pela injúria e pela violência.

Considerando que, entre as décadas de 1960 e 1970, Florianópolis ainda era uma cidade bem menor e sem o atual apelo mais cosmopolita e turístico, é fácil pensar que as experiências da homossexualidade naquele tempo eram mais invisibilizadas. Córdova (2010), ao ouvir as narrativas de homossexuais de diferen-

¹⁰ Rubens negou-se a falar sua idade, apenas apontou que tinha mais de 50 anos.

tes gerações em Florianópolis, destaca que os mais velhos sofreram mais com as questões das proibições, dos interditos e com a dificuldade de encontrar espaços de (homo)sociabilidade. Refletindo sobre as cartografias de sociabilidades homossexuais na cidade, o autor (:258) pôde perceber “o silenciamento da questão homossexual, que pesava mais sobre os sujeitos da primeira geração de entrevistados, nascidos na década de 1940 e 1950”. No entanto, apesar da invisibilidade, as territorialidades se estabeleciam, sempre deslizando por diferentes espacialidades como formas de resistências e de construções de lugares de lazer e convivência na cidade (Córdova, 2010).

Alguns de nossos informantes também contaram sobre as possibilidades de sociabilidade durante suas juventudes. Marcel (63 anos), nascido em Florianópolis, relatou não frequentar bares e espaços especificamente GLS, bem pouco comuns na época de sua juventude, porém participava dos chamados “bailes da sociedade”, nos quais os encontros homoeróticos podiam acontecer num jogo de interditos, de forma discreta e menos direta. Olhares sutis aproximavam os corpos, numa linguagem enunciada por outros códigos:

Tinha uns locais que a gente ia em bailes da sociedade, em locais onde tinha. Porque as pessoas sempre se escondem atrás da cortina, mas as cortinas sempre são transparentes. Então, sempre aparecia um olhar estranho. E num período tu não identifica direito as pessoas, a tua sexualidade, a intenção da sexualidade. Mas depois de descoberto, o teu olho, numa província, numa comunidade que aparenta ser totalmente ausente da homossexualidade ou da intenção da sua homossexualidade, acaba aparecendo, com o tempo tu vai... Eu acho que eram outros códigos. Porque eu acho que as proibições criam sempre códigos [...]. Era um processo mais velado. Acho que esse velamento era muito mais intenso do que hoje. Mas essas coisas acontecem até hoje de acordo com o tamanho da cidade. Eu acho que a possibilidade do agrupamento, a confusão da identidade, ou a perda da identidade, quando tu “impermeia” um grupo maior, onde tu desaparece mais ainda no meio da multidão, tu te achas mais (Marcel, 63 anos).

Essas outras formas de sociabilidades, marcadas por um desejo que pode percorrer territórios aparentemente heterossexualizados, mostram um jogo inventado que permite uma maneira de se conduzir driblando algumas prescrições sociais. Há nisso um estilo de prazer, anunciado pela interdição e que excita pela proibição. Para Eribon (2008), as gerações de gays que viveram mais ou menos na década de 1970, antes das chamadas “liberações sexuais”, estabeleciam um segredo compartilhado entre os “iguais”. Segundo este autor, o sentimento de orgulho e de liberdade conquistada e mantida como um *segredo* partilhado entre vários talvez

não seja encontrado como uma prática comum entre alguns gays mais novos. É como se a liberdade e o orgulho à luz do dia, comuns às gerações atuais, parecessem fáceis demais, um pouco insossos, uma vez que perderam o sabor do jogo com o interdito (Eribon, 2008:68). Marcel, por exemplo, apesar de frequentar o bar onde a pesquisa foi realizada, demonstra certo descontentamento com os modos com que as pessoas se portam no local, como se a assunção explícita e coletiva da homossexualidade dos frequentadores fosse um aspecto negativo da sociabilidade:

Pra mim é uma questão meio complicada, porque às vezes, em lugares que não são específicos, aflora mais a sexualidade do que em lugares que são específicos. Eu gosto de ir pra conversar, pra liberação da conversa. Ali [no bar] não tem, tu não precisa levar uma identidade, a identidade é exposta. Então isso acaba, tu falando com todo mundo sem ter que mostrar tua identidade, mas tem lugares que tu vai, que não tem identidade, mas as pessoas circulam de uma forma... o olhar, essa magia, acho que... é um encantamento maior. É como numa sala de aula e tu tá pra aprender aquilo ali. É mais fácil, mas é uma prisão muito chata, porque todo mundo tá na mesma direção (Marcel, 63 anos).

Estes pontos mostram que as formas de expressão do erótico e dos jogos de sedução são também marcadas por um contexto histórico, por diferenças geracionais e por relações distintas que podem se estabelecer com códigos de comportamento.

Em relação ao *como* ou o *que é* ser homossexual, as narrativas ouvidas sugeriram que o desejo não é necessariamente algo fixado à identidade, mas algo que irrompe entre os corpos, algo que “acontece” na vida:

As atrações físicas... tu te envolvia com meninas, que era gostoso e tal, e aparecem os meninos [...] Então, essas coisas do erotismo, elas acontecem, não tem uma regra específica (Marcel, 63 anos).

Eu não sei, eu acho que, na minha cabeça, eu sou um hetero que gosta de meninos. Eu acho que eu sou um cara que fui casado 26 anos, tenho quatro filhos, já tenho netos, então, eu acho que eu sou um homem que gosta de homem. Eu acho que é o prazer que a gente sente, acho que é uma coisa que acontece... (Francisco, 50 anos).

Parece-nos que esta perspectiva de que o prazer seja “algo que acontece” indica que esses sujeitos não estão tão imersos numa associação direta entre identidade gay e prazer homoerótico. A linearidade identitária homo/heteronormativa não deixa entrever a possibilidade de que, mesmo se considerando homossexual, seja possível deslizar entre outras formas de prazer. O fato de esses sujeitos mais

velhos terem vivido relações heterossexuais (mesmo que por efeito de uma heterossexualidade compulsória) fez com que eles pudessem vivenciar o desejo como um acontecimento. Ao darem passagem a um desejo homoerótico, encontraram-se com novos prazeres e conseguiram criar um modo de vida mais próximo daquilo que desejavam.

Essas posições também apontam, no entanto, para uma relação ambígua (de linearidade e ruptura) com o sistema sexo-gênero-desejo. Se é possível vivenciar um desejo dissidente, a flexibilização das expressões de gênero não são tão bem vindas. Muitos homens ouvidos insistiram no discurso de que gays não precisam ser afeminados, viam com maus olhos a atual juventude que não se comporta de forma “discreta”, e expressavam alguma aversão às feminilizações de outros homens homossexuais e/ou das travestis.

A partir de algumas conversas informais no bar onde parte da pesquisa foi conduzida, deparamo-nos com a perpetuação de alguns enunciados que reiteram lógicas rígidas e normativas. Um dos nossos interlocutores, por exemplo, de aproximadamente 60 anos, disse que gostava de frequentar o espaço porque “ali não entravam travestis”. Outro relatou que gostava dali porque “iam pessoas mais discretas” (fazendo alusão aos gays não afeminados), não dava “bicha pintosa”. O próprio dono do bar informou que um dos diferenciais do local é que ali ele não deixa entrar travestis, as quais, segundo ele, “sempre arrumam confusão” e são “perigosas”. Outro interlocutor, de 60 anos, disse que vai ao bar porque lá se sente à vontade, diferentemente de outras boates ou bares de apelo mais dirigido aos jovens. Salientou, no entanto, que achava “ridículo” uma pessoa na idade dele no meio de outras pessoas mais novas, verbalizando certa prerrogativa de que os velhos não podem circular nos mesmos espaços que o jovem, e que eles devem estar alocados numa região separada do restante da sociedade. Seu companheiro, que tinha na época mais ou menos 20 anos de idade, afirmou que também não gosta dessas boates porque “lá dá muito viado”, frase que nos soou pejorativa.

Parece haver algumas tentativas de se distanciar de uma forma identitária de homossexualidade que ameaça a condição de homem, do gênero “viril”, cuja representação não pode ser perturbada em sua suposta coerência. Trata-se daquela velha assertiva, “sou gay, mas sou homem”, ou uma variável daquele binarismo do homossexual passivo (a bicha, afetada) *versus* o ativo (o macho). O desejo homoerótico pode ganhar visibilidade, conquanto o gênero permaneça claramente fixado numa masculinidade dita “legítima”.

Estas narrativas indicam várias contradições nos discursos de nossos interlocutores, o que nos parece esperado, pois dificilmente conseguimos escapar totalmente dos enunciados normativos que nos assujeitam e nos constituem como sujeitos. Apesar de testemunharmos movimentos de contestações das normas que

possibilitavam outros modos de experimentação do corpo, do prazer e da sexualidade, também reconhecemos que uma transgressão absoluta pressuposta como inerente a esses sujeitos seria uma “romantização” do campo social, como também observou Fernando Pocahy (2012b) em suas cartografias sobre as experimentações de homens idosos em práticas homo/eróticas. Não há uma reserva de transgressão situada no interior de uma multidão, como nos mostra Beatriz Preciado (2004), mas sim movimentos micropolíticos que podem potencialmente, e de forma fugidia e provisória, contestar as homo e as heteronormatividades como regimes discursivos, e também os jogos das aparências no campo das representações biopolíticas contemporâneas (Pocahy, 2011; 2012b)

Uma das marcas mais evidentes da experiência do envelhecimento são as mudanças do corpo e as implicações dessas transformações nas relações sociais. Em um contexto em que a juventude entre os homossexuais é um bem que legitima positivamente a experiência da homossexualidade e em que a velhice é eminentemente heterossexualizada, o corpo nos parece ser um elemento crucial para se pensarem as produções de si em face desses imperativos. A seguir, pontuaremos algumas de nossas reflexões a este respeito.

Corpo, envelhecimento e produção de si

O corpo, de acordo com os referenciais que temos trabalhado, evidencia-se como uma materialidade contingente, um efeito discursivo e um produtor e regulador de inteligibilidades e legitimidades culturais. Como matéria plástica, maleável, portador de múltiplas significações e caminho para infinitas afecções, o corpo pode se agenciar de diversas formas: em relações de sujeição e controle, ou em relações de resistência e de potência ética, estética e política. Tendo isto em vista, não podemos crer que um corpo socialmente significado como indesejável ou decadente, como o corpo velho e, mais ainda, do velho homossexual, esteja fatalmente destinado a essas significações totalizantes.

A macropolítica que produz enunciações que desinvestem o corpo velho de potencialidades (eróticas, sociais etc.) é confrontada por agenciamentos micropolíticos que inventam corporeidades inusitadas e encontros que escapam aos modelamentos capitalísticos e às ordens discursivas que nos assujeitam. Nesse sentido, diante do que pode um corpo, foi possível perceber, a partir das narrativas de alguns sujeitos, o modo como a corporeidade surge como um ponto de problematização de si mesmo. Pensar o corpo como inerente às experiências e às produções de si e como ponto de subjetivação é essencial nesse nosso contexto histórico, no qual a aparência virou essência, no qual

sou o que aparento, e estou, portanto, exposto ao olhar do outro sem lugar para me esconder, me refugiar; estou totalmente à mercê do outro, já que o que existe (o corpo que é também o *self*) está à mostra. Somos vulneráveis ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo precisamos de seu olhar, precisamos ser percebidos, senão não existimos (Ortega, 2008:43-44).

Assim, contemporaneamente, o corpo é enunciado como uma ficção política que funciona como um definidor do ser, configurando, de forma normativa, sua suposta substancialidade. Apostando nas ideias de que o ser é processual, polifônico, contraditório (Guattari, 1992) e que o corpo pode performatizar uma multiplicidade de movimentos, estéticas e ações (Butler, 2003; 2002a), procuramos destacar nas narrativas ouvidas aquilo que parece destoar de uma ordem discursiva que totaliza os modos de viver a velhice e os modos de vida homossexuais hegemônicos. Isto não significa que os aspectos “negativos” da velhice não surjam nas falas dos interlocutores, mas é possível perceber que tais aspectos não constituem uma sentença de morte para as possibilidades de experimentações eróticas, afetivas e sexuais. As técnicas de produção da (homo)sexualidade e dos prazeres encontram na velhice outras vias de expressão, não menos intensas e desejanças.

É evidente que com o envelhecimento o corpo muda e que essa mudança traz algumas consequências nas formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros. A velhice não parece ser algo desejável para ninguém, apesar de alguns considerarem aspectos positivos nesse processo. Pablo (65 anos) fala um pouco sobre esse sentimento:

Velhice não é bom pra ninguém! Eu não acredito que velhice seja bom pra ninguém. Até porque a gente nunca quer ser velho. Tem muitos que querem ser velho, dizem que é bom ser velho, mas a velhice não é bom pra ninguém, porque é complicado tudo, né? Existe muito preconceito contra a idade, você é sempre marginalizado. E eu me sinto mais ainda, né? Pelas duas coisas [...] É difícil... é difícil ter ereção, é difícil ter tesão. É muito complicado. Mas, por outro lado, a gente pensa que... Eu acho que hoje em dia existem mais pessoas que me dizem que eu sou mais bonito do que antigamente, entendeu? Não sei se é por causa da barba. Existe assim, né? Jovens que gostam de caras de mais idade. Existe esse tipo de jovem. Esse problema, em qualquer aspecto da vida humana, mas esse problema de querer aproveitar, do homossexual principalmente, é que tolhe um pouco. Fica velho, os jovens têm aquele negócio de querer tirar proveito, entendeu? Não tá contigo porque o cara é gostoso, porque tu és tesudo. [...] Tem uns que até gostam, muita gente [referindo-se aos jovens]. Muito, muito, eu tenho certeza absoluta que isso existe! Mas existe muita malandragem. Pro idoso, existe mais! Pra pessoa mais velha! Eu acho que existe mais malan-

dragem, entendeu? Porque você entra na sala de bate-papo, a primeira coisa que vem... O homossexual mais velho... Por outro lado, a gente tem mais liberdade, a gente sabe o que quer, a gente tá mais estabilizado na cabeça e nos pensamentos. Mas é bem complicada a questão do homossexualismo do mais idoso. Até porque eles perdem espaço, nós não temos espaço. Existe um ou dois espaços conquistados pelos homossexuais da terceira idade. Aqui só tem o bar [diz o nome do bar onde foi realizada a pesquisa]. Mas é difícil, é complicado, a gente tem que viver da melhor maneira possível. A gente não tem como escapar desse objetivo de vida, porque eu acho que nosso grande objetivo é a gente ser feliz, e... o que passou, passou, e o que vem a gente é que faz.

Pablo, portanto, demonstra que a experiência de envelhecimento em relação à homossexualidade pode ser problemática devido à depreciação que os velhos sofrem, mas, por outro lado, reconhece que possui mais possibilidades de estabelecer contatos com outras pessoas do que antigamente. Sua fala aponta aquela questão discutida anteriormente: a marginalidade que alguns gays velhos possivelmente vivenciaram durante grande parte de suas vidas.

Outro fantasma que paira sobre a velhice (e reforça o fantasma de abjeção), tanto entre homossexuais como entre heterossexuais, é a solidão. Por mais que o medo de ficar sozinho na velhice independa da orientação sexual das pessoas, há o mito, certamente heteronormativo, de que os gays serão velhos solitários, pois não constituíram famílias e já não poderiam mais frequentar os espaços da cena gay. Tais assertivas mostram-se parcialmente equivocadas, pois tais mitos parecem se basear numa unidade entre a “população” de gays velhos. Não se considera, por exemplo, que muitos chegaram a casar e tiveram filhos que ainda estão presentes em suas vidas. Outros simplesmente não casaram, porém devemos levar em conta que casamento e filhos só podem ser considerados como prerrogativas únicas de felicidade segundo uma razão de Estado balizada pelo biopoder e/ou por preceitos morais religiosos.

É preciso considerar que outros modos de vida são possíveis para além daqueles contornos heteronormativos. A ideia do gay velho solitário não leva em consideração também a possibilidade de se criarem outras formas de viver o companheirismo, seja por meio de redes de amizade, seja pela experimentação da sexualidade e da homoafetividade, que não necessariamente toma a genitalidade, o desempenho sexual e o orgasmo como indicativos de qualidade e de prazer.¹¹

Se a homossexualidade muitas vezes está associada à jovialidade e à exaltação de um corpo sempre belo e modelado, ou seja, marcado por uma homonormati-

¹¹ Para uma importante discussão sobre modos de vida gay e amizade, conferir o texto de Crístian Paiva (2008).

vidade, que lugar ocuparia, então, o corpo do velho gay? As posições de sujeito possíveis a partir dessas normas podem tanto conformar e produzir uma corporeidade assujeitada (porém aceitável e tolerada entre alguns grupos), como pode colocar o sujeito numa posição de confronto com este tipo de imperativo estético. O corpo, desse modo, mesmo desinvestido de atributos considerados sedutores, pode experimentar uma eroticidade que se efetua a partir de outros sentidos. Um dos interlocutores falou algo a respeito dessa rejeição a uma estética dominante e como se posiciona diante de tal questão:

É complicado, porque aquilo que tu carrega te pertence. Então, tu carrega teu corpo... porque na realidade a gente é julgado. A gente é oco. A gente nunca sabe o que a gente carrega. Acho que na juventude também. Tu perguntas: “o que tu carrega da juventude? O que tu carrega com teu corpo?”. É meio complicado pra ti responder: “Ah, meu corpinho tá bonitinho...”. Ou na velhice: “Ah, meu corpo tá estragadinho”. Acho que essas coisas... tu acaba carregando tua trouxa, que tem que carregar e que não pode pesar muito. Claro que acho que uma pessoa totalmente presa à vaidade, ela tem uma vaidade excessiva [...] Então eu não tenho grandes problemas em relação a isso [...] Eu acho que o problema da vida mesmo é o preconceito. Quando a sociedade dirige essas divisões humanas, claro que fisicamente isso aparece, uma árvore velha e uma árvore jovem são distintas, mas essa questão humana do preconceito é que é o grande problema. O sofrimento tá aí, o cristianismo... Os preconceitos entre a juventude e a velhice criam uma dinâmica, uma briga mesmo, uma guerra. Mas isso é o que vai te matar também. Eu acho que se tu confia demais na tua juventude, tu vai te matar na velhice. [...] E acho também que, como a velhice, é uma questão do preconceito [...] Eu acho que isso cria um sistema meio de dor, tanto pro velho como pro novo, porque não se reconhecem mesmo. Mas isso é uma questão de sistema de pensamento. Eu acho que deviam mudar essas questões do preconceito. Acho que os preconceitos são as coisas mais pesadas que se carrega, é a mala mais pesada do ser humano, é a mala do preconceito (Marcel, 63 anos).

Em oposição a esta fala, Rubens (mais de 50 anos) expressou uma posição bastante diferente da de Marcel. Rubens manteve durante toda a sua vida um estilo “saudável”, sempre cuidando da aparência, indo à academia, tendo inclusive participado de ensaios fotográficos quando jovem. Durante as conversas, sentia melancolia em função de um corpo que mudou, uma tentativa de o tempo todo afirmar que um dia possuiu um corpo belo. Mesmo o entrevistador considerando e expressando que ele ainda possui um corpo bonito, as lembranças de um passado ideal atravessavam o tempo todo sua fala. Ao conversar com ele, ficou a impressão de um sujeito que traz as marcas do envelhecimento, muito assujeitado aos

imperativos de beleza e de juventude. Porém, apesar de o corpo, neste caso, parecer ser tomado como um elemento central, ainda é possível vislumbrar a possibilidade de flexibilização de alguns valores:

o corpo, quando você envelhece, lógico, os ossos vão ficando mais fracos, vai deixando de fazer certos exercícios, certas coisas que você fazia quando era mais jovem [...] O que eu sinto é que você envelhece, quer queira, quer não, teu corpo envelhece também. Ninguém até hoje descobriu a fonte da juventude. Mas eu me curto, me cuido [...] O corpo, vai chegando um tempo em que ele vai mudando. Mas eu nunca vou perder a esperança de achar uma pessoa, mesmo envelhecendo, uma pessoa que me complete, como eu já achei na minha vida, mais novo ou mais velho, eu nunca perco a esperança (Rubens, mais de 50 anos).

Dos prazeres entre as gerações

Outro ponto que gostaríamos de destacar é a erotização possível no encontro entre homens mais velhos e mais jovens. Se os corpos envelhecem e as aparências mudam, isto não implica uma dessexualização dos mesmos. Apesar de em muitos contextos os gays velhos serem considerados não desejáveis e deserrotizados, como apontam Simões (2004), Motta (2009), Paiva (2009a), parece haver uma estilística que aproxima pessoas de gerações diferentes. Nesse sentido, o gay velho constrói caminhos para se relacionar com pessoas mais jovens num encontro marcado por negociações de valores, de prazeres e de códigos geracionais diferentes.¹²

Em uma conversa informal estabelecida entre um dos pesquisadores e um homem de 60 anos, este homem afirmou estar atualmente redescobrimo formas de se relacionar afetivamente com o companheiro mais novo, com quem está junto há um ano. Demonstrou contentamento ao salientar que um homem da sua idade também pode ser desejado por outro mais jovem. Ele e o parceiro pareciam ter uma relação afetuosa, de cuidado recíproco e, ao mesmo tempo, apaixonada. Ressaltou que é muito comum, pelo menos naquele local, que homens mais velhos se relacionem com homens mais novos. De fato, durante as vezes em que o pesquisador esteve no bar, ele pôde conhecer alguns jovens que só tinham interesse por homens mais ve-

¹² Em nossa pesquisa problematizamos os encontros não mediados pelo dinheiro entre homens mais velhos e jovens. Para uma discussão mais aprofundada sobre o “amor romântico explicitamente tarifado” e as relações entre homens idosos e jovens garotos de programa, conferir artigo de Fernando Pochay (2012b).

lhos. Além disso, aquele seria um território onde esses casais se sentiam bem, talvez porque a categorização a partir da faixa etária lá não faça muito sentido.

Essas relações intergeracionais podem encontrar certa fetichização em alguns contextos, o que facilita um desejo de aproximação entre pessoas de idades diferentes. É comum, de certo modo, encontrar em sites, revistas para o público gay e em alguns locais, como o bar frequentado, termos como *daddie* ou paizão e tiozão (referindo-se aos gays mais velhos) e *twink*, *teens*, gurizão, universitário (aludindo aos mais novos), indicando uma erotização nessa relação.

Um dos interlocutores falou sobre a facilidade que ele tem para se relacionar com os mais jovens: “tem muito jovem, muito garoto que se atrai... Eu larguei de um relacionamento de três anos, fiquei dois meses e já arrumei um de 26. Então... e eu digo que se me largar eu vou arrumar um de 25. Posso arrumar outro! Não, é brincadeira!” (Francisco, 50 anos).

Alguns homens entrevistados pontuaram certos fatores que eles consideram importantes na atração de homens mais jovens pelos mais velhos, como: segurança e estabilidade financeira e afetiva; os mais velhos demonstrariam maior cuidado, carinho e afeto; mais experiência; o fato de esse tipo de relação “estar na moda” etc. Por outro lado, também afirmaram que pode acontecer de alguns jovens se envolverem com os mais velhos por interesse financeiro, como uma troca de favores: o velho teria a companhia afetivo-sexual do jovem e o jovem receberia benefícios materiais do mais velho. Rubens exemplifica essas situações:

Os novos desprezam o gay mais velho, entendeu? Se bem que agora tá na moda aqui, né? De ter somente naquele bar onde a gente se conheceu de as pessoas mais novas procurarem relacionamento com pessoas mais velhas. Se me perguntar, eu vou dizer por quê. Porque dá mais segurança pra pessoa com quem tem mais experiência... por *n* fatores. Existem casos de pessoas mais novas realmente se sentirem mais seguras com as pessoas de mais idade, porque sabem que a pessoa mais idosa já sabe o que quer, já está estabilizado na vida. Se ele vai tá com aquela pessoa, aquela pessoa vai dar carinho, vai dar afeto, vai oferecer um monte de coisa que talvez a pessoa não tenha. Não te digo assim... existe o fato também de pessoas mais novas se aproximarem de pessoas mais velhas por interesse, simplesmente por interesse financeiro. Se aproveitar porque o cara paga tudo, banca tudo, o que não é o meu caso, porque eu não dou mole também (Rubens, mais de 50 anos).

As trocas com outras gerações indicam que o gay velho pode ser, em alguns contextos, sexualizado e erotizado sem que isto seja algo caricato ou pejorativo, como acontece em algumas representações do velho que tenta expressar sua (homo) sexualidade. Tais ofensas podem ser ouvidas em termos como “a bicha velha”, “ve-

lho tarado”, “velho perverso”, “velho safado”, entre outras categorias extremamente depreciativas que destituem do sujeito com mais idade o direito ao prazer e ao desejo.

Os pontos discutidos até aqui, a saber, corpo, erotismo, identidade, desejo e prazer, parecem-nos questões importantes na experiência do homoerotismo na velhice. Tais questões proporcionam problematizações de si mesmo e vão conferindo certos contornos à matéria corporal que é interpelada por esses elementos. Num jogo de reiterações discursivas e resistências às lógicas de assujeitamento, o envelhecimento vai se constituindo como um performativo, nomeando e interpelando os sujeitos que vão aos poucos ressignificando o próprio corpo e suas subjetividades.

“Sou velho porque dizem”: a velhice como performativo

Por mais que tenhamos encontrado uma imagem mais ou menos convincente, mais ou menos satisfatória de nós mesmos, temos que viver essa velhice que somos incapazes de realizar. E, em primeiro lugar, vivemo-la no nosso corpo. Não é ele que vai revelá-la; mas uma vez que sabemos que a velhice o habita, o corpo nos inquieta.

(Simone de Beauvoir, 1990:369)

“Os velhos são sempre os outros”, já dizia Simone de Beauvoir (1990) ao salientar a dificuldade que temos de nos confrontar com a materialidade de um corpo que muda ao mesmo tempo em que mantemos um sentimento de nós mesmos que se conserva “jovem”. Para Britto da Motta (2002), o sentimento de velhice só é possível a partir de um campo relacional: um outro diz quem eu sou e é em comparação a esse outro que se estabelece a diferença que me constitui a partir de uma enunciação que me interpela. Beauvoir afirmava que a “velhice nos habita”, assertiva que se assemelha muito à proposição de Butler (2002b), que anuncia que os discursos habitam os corpos. Discursos e regimes de verdade vão delineando de maneira performativa os corpos ditos velhos. Nestas perspectivas, não se trata de conceber a velhice como uma realidade que existe previamente à sua significação, mas sim de considerá-la como efeito de atos de linguagem que nomeiam e produzem uma materialidade.

As narrativas de alguns homens mostram bem como esses processos performativos se atualizam:

gosto muito de dançar, de sair, conversar, de me divertir. Não me sinto velho, mas sei que estou envelhecendo. Eu até frequento locais com pessoas mais jovens, mas tenho achado muito chato. As pessoas ficam só dançando, só se interessam pelo corpo, nem olham pra sua cara. As *barbies* principalmente. Para essas pessoas você nem existe, eles só te reconhecem se você

for um semelhante, se for forte, tiver aquele tipo de corpo. Senão, você não consegue nem trocar uma ideia. Aí até vou, porque gosto da música, mas não me sinto muito à vontade por isso. Em lugares como aqui [fazendo alusão ao bar] já é diferente. As pessoas não tão ligando muito pras essas coisas, mas mais pra se divertir (Eduardo, 59 anos).

[...] eu percebo que o envelhecimento... quer dizer, a gente não imagina. Acha que sempre tem 25 anos. Porque a gente tem filhos, cuida dos filhos, cuida da esposa, cuida de um filho, do outro, do outro. Tinha quatro, né? Então não é fácil. Então, quando a gente percebe que vai envelhecendo, então no meu caso, é quando a gente encontra um amigo mais ou menos da mesma idade e olha o filho dele. “Ah, vou ser vô, meu filho já casou”. Eu: “Ah, mas seu filho, aquele pequenininho, já tem filhos?”. Pô, mas o filho dele é da idade do meu, o mais velho tem 29 anos e o mais novo tem 26. Daí que a gente pensa: “pô, como o tempo passa”. Daí aquela menina que tem 7, 8 anos e não se vê mais. Depois casa, com filho no braço: “Ah, o senhor não lembra de mim? Eu sou fulana tal, filha de tal”. Eu: “Gente!! Eu sou obrigado a ficar velho!!”. Eu sempre digo isso. Sou obrigado, porque... E a gente olha e pensa “tô velho!”. Daí a gente vê, percebe o tempo. E claro, a gente tem menos disposição pra tudo. Eu não faço nada, academia eu comecei, fiz quatro meses e desisti. Porque eu me sinto um passarinho na gaiola. Eu gosto mesmo de sair, passear no mato, de cachoeira, aí tudo bem. Mas não tem tempo pra isso. Sempre tem função aqui. Mas eu gosto mesmo é de sair. E sei lá, a gente tem que ir aprendendo com o envelhecimento. Saber envelhecer (Francisco, 50 anos).

Estas falas apontam para a produção de um sujeito *velho* que não se reconhece como tal. A linguagem, nesse sentido, não é suficiente para dizer sobre si mesmo, mas acaba produzindo um efeito, certamente performativo, que constitui o sujeito nomeado e interpelado. A partir dessa interpelação reiterativa, a velhice passa a habitar os corpos de form cada vez mais preeminente, de modo que a sua expressão e a sua forma tornam-se significações culturalmente compartilhadas e experienciadas. O corpo significado como velho não mimetiza a linguagem que o nomeia, mas performatiza, produz e constitui uma velhice. A frase de Francisco “Eu sou obrigado a ficar velho!” parece apontar uma norma discursiva, a partir da qual se o sujeito não se reconhecer como velho, ele não poderá ser pensado como tal, como se não houvesse outra saída a não ser se considerar como pertencente a essa categoria, a essa identidade. Esse reconhecimento provavelmente traz implícitos os ideais regulatórios que qualificam o que é ser velho. A velhice como performativo, portanto, cria campos de inteligibilidade para a matéria que é significada a partir de um marcador etário.

Habitar a velhice ou ser habitado por ela parece ser uma experiência que impõe uma alteridade com a qual o sujeito é confrontado o tempo todo. Mas pode ser

produtivo estar nesse limite e ser afrontado pela diferença, no sentido de que uma potência de vida pode ser conduzida numa perspectiva ética. A posição de um dos interlocutores da pesquisa reflete essa possibilidade:

... o envelhecimento... Eu falava pra um amigo que é médico que os sentidos nos distraem. Então eu acho que a gente não precisa de muita coisa, a não ser exercitar os sentidos. Então acho que esses sentidos na vida vão te distraindo de tal forma que tu não percebe a colocação de velhice na realidade [...] É uma coisa pesada, porque as pessoas são discriminadas, claro que o processo da diferença da juventude pra velhice é grande, é uma troca. Acho que quando jovem tu ilustra o mundo que tu quer e, quando velho, tu começa a tirar a ilustração vaga... te distrai também com isso... Então acho que é uma diferença [...] Eu acho que esses sonhos valem muito, essas fantasias da juventude, da descoberta. Depois tu fica velho, essa fantasia é uma coisa necessária, mas também desnecessária. Aí tu não sabes se tu suporta mais esse necessário desnecessário, ou se tu muda [...] Tem o código do envelhecimento da juventude, a representação do ouro, do brilho, é uma plasticidade representativa, claro, uma estampa. Quando tu chegas a essa coisa perdida da juventude, essa vontade maluca de querer pegar uma verdade, uma posição. Uma diferença de uma criatura mais velha é que a ansiedade já não é tão grande. As verdades já são mais... não são tão verdade quanto antes (Marcel, 63 anos).

Para Marcel, sua vida não parece ser guiada por identidades, prisões da linguagem. Sua reflexividade parece não se deixar capturar por estados rígidos de existência. Velhice e homossexualidade são construídas por elementos discursivos que parecem, neste caso, não ter muito sentido. Durante toda a sua fala, Marcel afirma que esses contornos, aparentemente fixos, talvez não passassem de ideias que “aprisionam o pensamento”. Prisões que a todo custo precisam ser evitadas. A performatividade, nesse sentido, pode ser expressa também como um modo de subversão política, no qual as identidades performatizadas contestam um regime sexopolítico (Preciado, 2004) que traça as fronteiras da abjeção, os limites das legitimidades. Quando estamos diante da possibilidade de uma performatividade que potencialmente alarga os campos das inteligibilidades, podemos, enfim, visualizar a dimensão de uma ética do envelhecimento.

Por uma ética do envelhecimento

Durante nossa pesquisa não consideramos que os velhos gays são, necessariamente, a expressão de corpos abjetos, mas que eles estariam habitando uma fron-

teira, um limite de um regime discursivo que estabelece, por um lado, um campo de legitimidade e de um simbólico inteligível e, por outro, uma zona de ininteligibilidade, um exterior constitutivo que só pode ser concebido (e quando pode ser concebido) em suas margens e formando seus limites sutis (Butler, 2002a). Essa fronteira discursiva é estabelecida a partir de campos de forças (relações de poder) e de jogos de verdade (regras do saber) que estabelecem estratégias de exclusão e que criam, ao mesmo tempo, a ficção de uma substância metafísica do ser, ou seja, a ilusão de que o sujeito já estava lá antes mesmo de suas significações históricas, políticas e sociais.

Ao dar visibilidade aos corpos que habitam essas fronteiras, é possível problematizá-los sem precisar recorrer aos pressupostos metafísicos que tomam sua materialidade como anterior ao signo e às suas significações e como um postulado prévio. Para Butler (2002a), pensar a matéria nestes termos não significa negá-la, como se a única “realidade” fossem os discursos, mas remetê-la a um campo político que determina, através de diversos dispositivos, quais dessas matérias importam e têm valor.

Desconstruir o conceito de matéria ou de corpo não é negar ou recusar ambos os termos. Significa continuar a usá-los, repeti-los, repeti-los subversivamente, e deslocá-los dos contextos nos quais foram dispostos como instrumentos do poder opressor (Butler, 1998:26).

Ao “liberar” o corpo de uma ontologia metafísica, é possível fazer com que os corpos importem de outro modo, pois estaríamos considerando que as materialidades podem existir para além de um campo normativo. Assim, os enunciados a partir dos quais é possível pensar os performativos (de gênero, de sexualidade, geracionais) dizem respeito aos efeitos dos dispositivos que fazem falar e ver alguns regimes de verdade e que respondem a alguma urgência histórica. As performatividades, portanto, não estão remetidas a um ato consciente, deliberado, mas resultam de ações reiterativas de dispositivos do poder e de agenciamentos coletivos de enunciação que vão disciplinando, normalizando, normatizando, controlando e organizando as materialidades.

A idade, tal como o sexo e o gênero já bem problematizados por Butler (2002a), constitui-se em elemento regulador que modela a matéria corporal. Pensamos que considerar os marcadores etários e/ou a idade como dispositivos que organizam os corpos é considerar mais um regime que regula suas materialidades, como vem mostrando Fernando Pocahy em seus últimos trabalhos (2011, 2012a, 2012b). Nesse sentido, seguimos uma pista de Butler para apostar em uma problematização que leve em conta a interseccionalidade idade, sexo e gênero:

Se as projeções identificatórias estão reguladas pelas normas sociais e se essas normas se constroem como imperativos heterossexuais, logo poderia ser dito que a heterossexualidade normativa é parcialmente responsável pelo tipo de forma que modela a matéria corporal do sexo [...] dado que a heterossexualidade normativa evidentemente não é o único regime regulador que opera na produção dos contornos corporais ou na fixação dos limites da inteligibilidade corporal, faz sentido perguntar que outros regimes de produção reguladora determinam os perfis da materialidade dos corpos (Butler, 2002a:41).

Esta perspectiva, que considera a idade, o sexo e o gênero como elementos reguladores da matéria e dos corpos, permite compreender melhor porque a velhice entre homens homossexuais pode constituir uma fina fronteira entre a legitimidade e a ilegitimidade, entre corpos que importam e outros que não importam. Essa fronteira é estabelecida por produções discursivas que tomam a heterossexualidade e a juventude como ideais regulatórios que qualificam os corpos como (im)pensáveis, produzindo, desse modo, campos de abjeção e/ou de humanidade. Tais categorias de articulação possibilitam uma apreensão um pouco mais detalhada dos regimes de micro e macropoder aos quais os sujeitos contemporâneos estão remetidos. Não se trata apenas de “juntar” dimensões como “sexo” e “idade” como se fossem categorias estáveis e independentes, mas sim de considerá-las como configurações relacionais e historicamente contingentes que podem nos dar pistas sobre os processos de diferenças e desigualdades nas múltiplas e difusas formas de relações de poder (Brah, 2006; Piscitelli, 2008).

Os corpos pensados em nossa pesquisa foram aqueles interpelados por pelo menos três marcadores que atribuem significações culturais: a idade, a sexualidade e o gênero. Tais interpelações dizem “algo” sobre os sujeitos, na medida em que são expressões que instauram segmentaridades identitárias: jovem-velho, heterossexual-homossexual. Estas segmentaridades, além de instituírem um modelo binário definidor dos sujeitos, estão também reforçadas por ideais biopolíticos (jovem ideal, velho ideal / heterossexual ideal, homossexual ideal). A produção dos corpos ideais é um dos efeitos do biopoder: não se trata mais de qualificar a velhice ou a homossexualidade como categorias abjetas, mas de fazer com que elas sejam normalizadas e funcionem de modo apropriado, útil, produtivo e dócil.

Ao fixar os limites legítimos dessas categorias, excluem-se automaticamente aqueles que não correspondem aos contornos delineados pelas normas. Seria em meio a essa produção de corpos ideais que o gay velho apareceria como um sujeito num campo de tensão, uma vez que os ideais regulatórios da velhice estão ancorados na heterossexualidade e os da homossexualidade estão baseados no gay jovem e higienizado. A tensão dessa fronteira é reiterada a partir da relação direta que se estabelece entre corpo e uma suposta verdade do sujeito. Segundo Richard Miskolci (2006:682):

O consenso contemporâneo sobre a relação direta entre corpo e identidade expõe uma sociedade fundada em uma ética individualista, competitiva e masculinizante. O corpo é visto cada vez mais como um instrumento para atingir modelos identitários que nada diferem de imposições sociais difundidas pelos mais diversos meios de convencimento: da educação à mídia. Os modelos de identidade são cada vez mais difíceis de atingir e exigem também altas quantias, além de incomensurável esforço físico-corporal e tempo. Disciplina é um dos valores mais cultuados e expõe o *ethos* ascético do culto contemporâneo ao corpo, um modo de vida impulsionado pelo desejo de integração aos valores constitutivos da cultura dominante.

Pensamos que o sujeito velho e homossexual caminha em uma região discursiva limítrofe: está entre a possibilidade de reinvenção de si mesmo (de escolher eticamente como se conduzir como sujeito moral) e o risco eminente de ser considerado um ser abjeto, não desejável, menosprezado em nossa cultura heterossexista e que trata a velhice como algo a ser rejeitado. O sujeito velho homossexual, nessas perspectivas, parece, portanto, estar alocado em uma zona muito incômoda de tensão: entre os velhos heterossexuais ele não é “percebido” ou, quando muito, é integrado ou assimilado a uma rede de sociabilidade na qual se devem esconder as questões relativas ao homoerotismo e à homoafetividade;¹³ já entre os gays mais jovens é “evitado”, “rejeitado”, “inferiorizado”, “ridicularizado”. Parece-nos que entre os velhos heterossexuais e entre os gays mais jovens o velho homossexual é “impensável”, como se ele se constituísse no limite do terreno da inteligibilidade, a partir de uma *ameaça de abjeção* e de exclusão (Butler, 2002a)¹⁴. Nesse meio-ter-

¹³ O “esconder” a orientação sexual, no caso de pessoas mais velhas, está muitas vezes associado a uma “volta ao armário”. Em pesquisa sobre o *Contexto da Sexualidade na França*, coordenada por Michel Bozon, em 2006, observa-se que entre os homens de mais de 60 anos predomina a opinião de que “a homossexualidade é uma sexualidade contra a natureza” (Bozon, 2009:165). Além disso, o número de homens que apresenta uma atitude intolerante em relação à homossexualidade é o dobro do de mulheres, o que, segundo Bozon, poderia significar “o temor entre alguns homens de verem sua identidade masculina posta em questão”. Estes dados apontam que a homofobia parece ser um elemento marcante entre as pessoas mais velhas, o que reforçaria a ideia/estereótipo de que um homossexual velho teria maiores dificuldades de sociabilidade e de acesso a redes de apoio, pelo menos entre heterossexuais.

¹⁴ Uso o conceito de abjeção na perspectiva de Judith Butler (2002a), na qual o abjeto designa “aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”.

mo entre a ética e a sujeição, paira o que pensamos ser uma espécie de *fantasma de abjeção*, algo que assombra a possibilidade de uma existência digna de ser vivida.

Com nossa pesquisa tentamos mostrar, no entanto, que habitar essa fronteira discursiva que toma a utopia biopolítica dos corpos como prerrogativa e ideal regulatório não necessariamente constitui uma vida abjeta. Essa zona de tensão incita resistências e ativa modos de subjetivação que reinventam e alargam os campos de inteligibilidade. Olhar mais de perto para essas vidas, para esses corpos que exibem a velhice e, ao mesmo tempo, desejam, gozam, têm tesão e inventam outras formas de experimentar o homoerotismo e a homossexualidade (num sentido próximo daquele que Foucault um dia pensou) nos parece ser uma aposta política que desestabiliza as estratégias de homogeneização e de exclusão. A velhice e a homossexualidade, nesse sentido, podem ser pensadas a partir da diferença e da alteridade, e não a partir de critérios identitários totalizantes e excludentes.

As narrativas ouvidas puderam apontar algumas formas de relação consigo mesmos que os sujeitos estabelecem a partir da experiência do envelhecimento. Suas falas podem, por vezes, estar remetidas a enunciados de sujeição, mas também mostram outras formas possíveis de subjetivação de indivíduos interpelados pela velhice. Nesse sentido, ao ouvir algumas histórias dos interlocutores desta pesquisa, vislumbramos diferentes estilos de conduzir o envelhecimento e a homossexualidade. As narrativas apontaram para uma possível ética do envelhecimento que corresponde às potências dos corpos. Segundo Silvana Tótoro (2008:35), uma ética do envelhecimento

difere de uma concepção moral que codifica as condutas pelo dever (o que se *deve* ou não fazer para se ter uma velhice saudável, sem doença) e, mais, de um dever que emana de uma instância de representação que traça diretrizes programáticas e normas de caráter universal com a pretensão de tolher e controlar o inesperado ou experimentos prazerosos: ser velho é sempre estar privado de algo. O prazer é colonizado por uma axiomática capitalista para uma parcela de idosos, a exemplo do lazer programado pela indústria do entretenimento e do turismo dirigida a consumidores segmentados. A indústria do consumo da boa forma, saudável, seleciona os pretendentes a uma velhice aceita. A ética, diferentemente, pressupõe a liberdade de construção do que se *pode* ou não fazer, segundo potências singulares. O que pode a velhice? Trata-se de uma questão ética ou de potência.

Não há *uma* velhice (tampouco uma “velhice gay”) à espera de alguém, mas posições de assujeitamento ou de resistência e subjetivação em face de uma ordem discursiva que pretende normalizar e regular as materialidades. Se não há a velhice, mas posições discursivas hegemônicas sobre o que é envelhecer, a velhice pode

ser experienciada a partir de uma ética, a partir de uma relação refletida consigo mesmo que coloque em prática outros modos de experimentação do erótico e outra relação com um corpo que pode desterritorializar os enunciados que o organizam.

Os horizontes do envelhecimento entre homossexuais são múltiplos, mas o que pretendemos mostrar neste texto é que o corpo não é uma superfície passiva, mas produtiva. O homoerotismo e a homossexualidade foram pensados aqui como possibilidades de potência na velhice, na qual a experiência de envelhecimento possa ser vivida como uma experiência estética e ética e não como mais um modo de assujeitamento. Se há um fantasma da abjeção que ronda as velhices entre homossexuais, há também modos de vida, estilísticas, estéticas e éticas que permitem fazer da vida algo possível e habitável. Vida como arte.

Recebido: 07/02/2013
Aceito para publicação: 12/11/2013

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Johnny & PASSOS, Eduardo. 2009. "Cartografar é habitar um território existencial". In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & DA ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- BEAUVOIR, Simone. 1990. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOZON, Michel. 2009. "Las encuestas cuantitativas en comportamientos sexuales: emprendimientos sociales y políticos, productos culturales, instrumentos científicos". *Revista Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro, nº 3.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. 2002. "Envelhecimento e Sentimento do Corpo". In: MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA, Carlos E.A. Jr. (orgs.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- BRAH, Avtar. 2006. "Diferença, diversidade, diferenciação". *Cadernos Pagu*. Jan.-jun. 2006. Nº 26, p.329-376.
- BUTLER, Judith. 1988. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". *Cadernos Pagu*. Nº 11, p. 11-42.
- BUTLER, Judith. 2002a. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós.
- BUTLER, Judith. 2002b. "Como os corpos se tornam matéria" (entrevista com Judith Butler feita por Baukje Prins e Irene Costera Meijer). *Revista Estudos Feministas*. Jan. 2002. Florianópolis, Vol. 10, nº 1.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith. 2006. *Deshacer el género*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- CÓRDOVA, Luiz Fernando; LAGO, Mara Coelho de Souza & MALUF, Sônia Weidner. 2010. "Histórias sobre territorialidades GLS na Ilha de Santa Catarina". In: LAGO, Mara Coelho de Souza, GROSSI, Miriam Pillar & NUERNBERG, Adriano Henrique. *Estudos In(ter)disciplinados. Gênero, Feminismo, Sexualidade*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- COSTA, Jurandir Freire. 1999. *Ordem médica e norma familiar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- DE BARROS, Laura Pozzana & KASTRUP, Virgínia. 2009. "Cartografar é acompanhar processos". In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & DA ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- DEBERT, Guita. 1998. "A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade". In: LINS DE BARROS, Miriam Moraes. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- DELEUZE, Gilles. 2008. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: Editora 34.

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 2009. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ERIBON, Didier. 2008. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FOUCAULT, Michel. 1984. *História da Sexualidade – O uso dos prazeres*. Vol. 2. São Paulo: Graal.
- FOUCAULT, Michel. 1988. *História da Sexualidade – A vontade de saber*. Vol. 1. São Paulo: Graal.
- FOUCAULT, Michel. 1990. *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós.
- FOUCAULT, Michel. 1995. “O sujeito e o Poder”. In: DREIFUS, H.C & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 1999. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. 2006a. *Hermenêutica do Sujeito*. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. 2006b. “O cuidado com a verdade”. In: ____. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 2009. *A arqueologia do saber*. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GALÁN, j.I.P. & SANCHÉZ, A.M. 2006. “Homonormatividade y Existência Sexual. Amistades peligrosas entre género y sexualidad”. *Revista de Antropologia Iberoamericana*. Enero-Febrero 2006. Ed. Electrónica. Vol. 1, nº 1., p. 143-156. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos en Red. ISSN: 1578-9705.
- GUATTARI, Félix. 1992. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia. São Paulo: Editora 34.
- MISKOLCI, Richard. 2006. “Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da Existência”. *Revista Estudos Feministas*. Set.-dec. 2006. Florianópolis. Nº 14 (3), p. 272.
- MOTA, Murilo Peixoto. 2009. “Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência”. *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*. Dec. 2009. Vol.1, nº 06, p. 26-51. Vitória: CCHN, UFES.
- ORTEGA, Francisco. 2008. *O corpo incerto – Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.
- PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. 2008. “Amizade e modos de vida gay: por uma vida não fascista”. In: VEIGA-NETO, Alfredo; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz & SOUZA FILHO, Alípio (orgs.). *Cartografias de Foucault*. Vol. 1. 1.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 53-67.
- PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. ano. “Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos”. *Revista Bagoas*. Jan.-jun. ano. Vol. 3, nº 4
- PASSOS, Eduardo & BENEVIDES, Regina. 2009. “Por uma política da narratividade”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & DA ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto

Alegre: Sulina.

- PISCITELLI, Adriana. 2008. "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". *Sociedade e Cultura*. Jul.-dez.2008. Vol. 11, n  2, p. 263-274.
- POCAHY, Fernando. 2011. "A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-g nero-sexualidade". *Revista Polis e Psique*. Vol. 1, p. 254-275.
- POCAHY, Fernando. 2012a. "Entre vapores & vídeos porn s: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino". *Revista Estudos Feministas (UFSC Impresso)*. Vol. 20, p. 357-376.
- POCAHY, Fernando. 2012b. "'Vem meu menino, deixa eu causar inveja': ressignificações de si nas transas do sexo tarifado". *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro. Vol. 11, p. 122-154.
- PRECIADO, Beatriz. 2004. *Multidões queer – notas para uma política dos "anormais"*. Tradução de Ricardo Rosas a partir da versão espanhola do francês por "el bollo loco". In: *Multitudes*. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/>. [Acesso em.....].
- RICH, Adrienne. 2010. "Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica". Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Revista Bagoas*. N  05, p. 17-44.
- ROLNIK, Suely. 2007. *Cartografia Sentimental: Transformações Contempor neas do Desejo*. São Paulo: UFRGS Editora.
- SANTOS, Daniel Kerry. 2012. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis/SC*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SANTOS, Daniel Kerry. 2012a. "Porosidades da velhice: experimentações (homo)eróticas de corpos dissidentes". *Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de G nero da ABEH*. Vol. 1, n  1. Salvador: UFBA.
- SARAIVA, Eduardo Steindorf. 2007. *Conjugando amor e desejo: sobre as experiências masculinas do "assumir-se" homossexual*. Tese de doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SARAIVA, Eduardo Steindorf; PILLAR-GROSSI, Miriam & LAGO, Mara Coelho de Souza. 2010. "Assumindo e escolhendo: projeto de conjugalidade, afirmação de uma identidade". In: LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar & NUERNBERG, Adriano Henrique. *Estudos In(ter)disciplinados. G nero, Feminismo, Sexualidade*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- SIMÕES, Júlio Assis. 2004. "Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais". In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena & Carrara, Sergio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. p. 415-447.
- SOUZA, Pedro. 2003. "Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si". *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão. Vol. 3, n  especial, p. 37-54.

TÓTORA, Silvana. 2008. “Apontamentos para uma ética do envelhecimento”. *Revista Kairós*. Jun. 2008. São Paulo. Vol. 11, nº 1, p. 21-38.

WEEKS, Jeffrey. 1999. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G.L. (org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica. p. 35-82.